



500 pessoas secundam a convocatória independentista do Dia da Pátria

CAUSA GALIZA :: 26/07/2019

500 personas secundaron la convocatoria independentista del Dia da Patria. Intervención final integra dentro de la noticia

A manifestaçom independentista convocada por Causa Galiza neste Dia da Pátria foi secundada por 500 pessoas.

Sob a legenda *Independentismo em marcha!*, a manifestaçom partiu passadas as 12:30 da Alameda e rematou na praça de Toural, onde se lhe deu leitura à comunicaçom de reptos e tarefas para o próximo curso político. Aliás, lérom-se as saudaçons da CUP dos Países Catalans e de Sortu (Euskal Herria). Reproduzimos a continuaçom a nossa comunicaçom:

Bom dia a todas e todos, Bem-vindos e bem-vindas ao Dia da Pátria,

Em 1990, após 17 anos de repressom, o cantautor Silvio Rodríguez celebrava o seu primeiro concerto no Estádio Nacional de Chile. A instalaçom desportiva fora no seu dia campo de detençom de 40.000 pessoas. Neste evento musical, o cubano advertiu a um público entregado que falar em nome dum povo é, sempre, umha alta responsabilidade.

Nós hoje vamos falar em nome dum povo, do nosso, das suas necessidades, dos seus aneios para o futuro e dos mecanismos necessários para satisfazê-los. E com a mesma solenidade que emitimos a comunicaçom, reclamamos 15 minutos de atençom.

Cumpre-se agora um século desde que a II Assembleia das Irmandades da Fala nominasse 25 de julho como Dia Nacional da Galiza.

Em 1968, quase meio século depois, um grupo de patriotas que na sua maioria nom alcançavam os 30 anos, dessafiavam o regime fascista para recuperar a data proibida e resignificavam-a como Dia da Pátria. A ocupaçom policial e militar desta cidade foi a reaçom a tamanho atrevimento. Hoje, celebramos aquela determinaçom graças à que estamos aquí.

Quando a celebraçom do dia dumha naçom alcança cem anos de existência, superando clandestinidades, persecuçons e maiores ou menores violências, como onte na Cadeia Humana para a Liberdade dos Presos e Presas Independentistas, ou na marcha juvenil, justo é dizer que o povo que o celebra já ganhou em parte o direito a ser dono do seu futuro.

A situaçom deste povo é por todas e todos conhecida. Em mais de umha ocasiom temo-la definido de Emergência Nacional, porque é o diagnóstico acertado se analisamos as tendências fortes na demografia, a estrutura económica, o empobrecimento e precarizaçom sociais, a situaçom sociolingüística, etc.

Hoje, como nação, encontramos-nos numa encruzilhada histórica. A disjuntiva situa-se entre permitir que estas tendências culminem o seu trabalho letal, ou erguer um muro defensivo e popular que o impeda. Entre permitir a continuidade da dependência e tratar de maquiá-la, ou apostar com todas as consequências na independência nacional.

O Estado espanhol enfrenta uma das crises mais importantes da sua história recente. O processo catalão, a perda de legitimidade social do regime neofranquista e a pauperização crescente da maioria social evidenciam que o modelo argalhado na *Transición* espanhola toca ao seu fim. Mais uma vez, tratarão de mudar algo para que tudo continue na mesma.

Esta crise aguda é, no seu sentido etimológico, uma oportunidade para o movimento de libertação nacional da Galiza. Diz um provérbio irlandês que as crises do Império Britânico são oportunidades para o povo de Irlanda.

Perante esta disjuntiva, setores que se autodefinem “nacionalistas”, “soberanistas” e, incluso, “independentistas”, optaram por vias divergentes que compartilham a sua inutilidade: uns procuraram na imaginária esquerda espanhola o aliado que permitiria alcançar o exercício do direito de autodeterminação. Os resultados à vista estão. Só procuravam poder institucional e gerir o regime utilizando como alavanca a retórica ruturista.

Outros, apesar de que o dilema estratégico exigia e exige decisões valentes, optaram por aferrar-se à sua folha de rota de sempre: a reforma do modelo de Estado, o alargamento competencial e a gestão da Comunidade Autónoma após o despejo de Núñez Feijóo. Não seremos nós quem negue a necessidade de despejar o sucessor de Fraga Iribarne da administração autonómica, mas as limitações da gestão institucional para a defesa deste País são tão evidentes que nem sequer é preciso explicitá-las.

Ambas perspetivas coincidem na impotência para superar a situação atual e, também, na negativa a abraçar sem ambigüidades a reclamação da independência da Galiza.

Nós, como independentistas, propomos ativar um processo popular que a meio e longo prazo possibilite a rutura democrática nacional com o Estado porque esta é a única saída possível à tragédia coletiva que vive a Galiza.

A Audiencia Nacional acaba de liberar dum delito de pertença a organização armada nove independentistas detidos e detida em 2015 na Operación Jaro. A decisão marca um ponto de inflexão na repressão estatal, deixa sem fundamento jurídico a montagem policial e evidencia, por enésima vez, a catadura de meios de comunicação, autoridades e mandos policiais do neofranquismo.

Apesar desta desconstrução da montagem, em breve iniciará-se um júízo oral contra 12 independentistas aos que o tribunal reclama de 1 a 3 anos de prisão por supostos delitos de “enaltecimento do terrorismo”, que é como qualifica o compromisso independentista e a solidariedade com os prisioneiros políticos.

Espanha tem-o claro: na colónia do noroeste deve evitar a eclosão dum movimento que ponha em questão o atual status quo colonial. Sabe que, hoje, as condições objetivas e

subjetivas para que esse movimento enraice, acumule forças e seja um factor incómodo, estão dadas.

Nós temo-lo claro também: como independentistas, por cima de repressões, por cima de proibições e violências, somos o próximo relevo da carreira por etapas que começou há cem anos e, com a mesma determinação que os de 1968, faremos os esforços possíveis para que o facto que arrincou em 1919 alcance a meta.

Esta é a tarefa e o repto. O independentismo galego, após 40 anos de luta sob condições de minorização e repressão, ganhou várias metas intermédias imprescindíveis: logrou a pervivência do ideário que postula a rutura com Espanha; possibilitou que a opção prendesse em importantes setores populares e seja uma reivindicação em ascenso na mocidade que se libera das auto-limitações dos e das suas maiores e, incluso, ganhou a transversalização social da independência nacional.

Agora, corresponde a quem recebemos o facto nesta carreira de fondo, seguir desenvolvendo o processo que nos leva à independência nacional e darmos um novo passo adiante: construir o projeto político e desenhar a estratégia que façam possível esta perspectiva, com vocação de massa; com introdução e incidência social e com capacidade para romper o círculo vicioso da repressão. Um projeto livre de covardias, que chame as cousas pelo seu nome e fortaleza dia após dia o músculo popular independentista.

Nesta tarefa, contamos com três elementos imprescindíveis: as ensinanzas da nossa história de resistência nacional, a existência dum estado de opinião independentista que se encontra nos seus máximos históricos de influência e que, com segurança, não deixará de crescer se sabemos cuidá-lo e organizá-lo e, por último, Causa Galiza, como ponto de saída da construção coletiva.

Em setembro iniciaremos a segunda fase do Processo Trevinca que ativamos no passado outono. Trata-se de definir, através do debate e a participação de centenas de pessoas, a nova folha de rota que na fase atual traduza este ascendente estado de opinião independentista em organização, militância, estratégia, etc. como única possibilidade de avançar face a independência.

Desde aquí, convidamos-vos a chegar o vosso grao de areia para que o Processo Trevinca chegue a porto e definamos a folha de rota para os próximos anos. É esta uma necessidade impostergável.

Uma última questão: independentistas presos e presas: a última atuação da *Guardia Civil* eleva a seis o número de militantes Independentistas do CPIG nas prisões. Ganhar a sua repatriação, o respeito dos seus direitos e a sua liberdade deve seguir sendo um objetivo irrenunciável da comunidade independentista galega. Neste sentido,, convidamos-vos a reforçar a denúncia da prisão política e impulsionar as dinâmicas rumadas a esvaziar os cárceres de independentistas galegos e galegas.

Rematamos já. **O independentismo galego não nasceu para resistir, nem para ser reduto de coerência:** nasceu para ganhar a independência. Temos um longo caminho por diante, mas a urgência imediata de construir e fortalecer o projeto e a estratégia que façam

possível a conversom em massa popular organizada dum estado de opiniom que a todas luzes está em ascenso.

Esta tarefa, junto à reclamaçom dos direitos e a liberdade dos independentistas presos e presas, definirám o curso politico que aginha se inicia.

Viva o Dia da Pátria!

Viva Galiza ceive!

<https://galiza.lahaine.org/500-pessoas-secundam-a-convocatoria>